

No Brasil, quase toda a matéria-prima é importada

BRASÍLIA — Embora a Organização Mundial de Saúde afirme que a maioria das doenças pode ser tratada com apenas 200 tipos de remédios, o Vice-Presidente da Central de Medicamentos (Ceme), José Leite Saraiva, informou que o Brasil fabrica atualmente 7,1 mil tipos, dos quais 3,5 mil medicamentos originais e 3,6 mil similares. Cerca de 80 por cento da matéria-prima necessária para a fabricação destes medicamentos continuam sendo importados.

José Saraiva disse que, considerando que um mesmo medicamento pode ter mais de uma apresentação (injetável, xarope, cápsula etc), esses 7,1 mil remédios somam 11,3 mil apresentações. Ele ressaltou, porém, que a legislação vigente permite a liberação de medicamentos similares, mesmo que desnecessários:

— O complexo B, por exemplo, tem 610 associações diferentes. A tetraciclina tem 116 associações e a dipirona tem 121 associações — explicou.

Segundo José Saraiva, o número divulgado pela OMS é o mínimo adequado para seu programa de saúde em países em desenvolvimento, ficando a critério de cada país o número apropriado para atender às suas necessidades. Disse que no programa de assistência farmacêutica do Governo brasileiro é utilizada a Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (Rename), da Ceme, que contém 315 produtos em 472 apresentações. Desse total, apenas 36 produtos são

fabricados com matéria-prima nacional, entre eles a ampicilina (antibiótico) dexametasona, dipirona (analgésico não narcótico) e insulina (antidiabético).

Para José Saraiva, a similaridade de medicamentos no Brasil só poderia ser controlada a partir de uma legislação específica, a exemplo do que ocorre na Noruega, onde a disposição chamada "cláusula de necessidade" só permite a fabricação de similares em casos comprovadamente necessários.

SOLUÇÕES

No ano passado o Brasil gastou US\$ 300 milhões (cerca de Cr\$ 235 bilhões) com a importação de matéria-prima necessária para a fabricação de medicamentos no país. Considerando o problema de segurança nacional, a Ceme tem duas propostas para diminuir a dependência de importação de matérias-primas, ainda que as soluções sejam previstas para médio e longo prazos.

A primeira é a criação de um programa de apoio à indústria químico-farmacêutica nacional. A formalização deste programa aguarda, desde janeiro passado, a assinatura do Ministro do Planejamento, Delfim Netto, para ser encaminhada ao Presidente João Figueiredo. Com este programa, segundo a Ceme, as indústrias nacionais poderão desenvolver tecnologia para a fabricação de matérias-primas necessárias à produção dos medicamentos, através de incenti-

vos do próprio Governo, criando condições de competir com as multinacionais instaladas no País.

A segunda — que já está sendo desenvolvida — é a pesquisa de plantas medicinais, com o objetivo de se conhecer sua eficácia terapêutica.

José Saraiva disse que, para estas pesquisas, a Ceme destinou este ano Cr\$102,3 milhões e, para 1984, estão previstos recursos da ordem de Cr\$115,9 milhões.

Atualmente há 13 entidades desenvolvendo pesquisas com recursos da Ceme, entre elas a Unicamp, de Campinas, a Fundação Universidade de Brasília, Universidade Federal de Santa Catarina e a Fundação Cearense de Pesquisas.

Foram selecionadas inicialmente 21 plantas, segundo critérios de ordem médica, atropológico-social, botânico-agronômica e econômica. Além das 13 instituições que já desenvolvem pesquisas, a Ceme está aguardando relatórios de outras 17 instituições interessadas. Para obtenção de resultados precisos, os núcleos de pesquisas receberão material (as plantas selecionadas) de forma padronizada. Os estudos, entretanto, deverão ser concluídos apenas em 1985.

Depois de comprovada eficácia terapêutica, os núcleos de pesquisas iniciarão o trabalho para verificar se a planta pode ser aproveitada para fabricação de matéria-prima. Esta segunda etapa deverá ter a duração de três a cinco anos.